e-cadernos CES

03 | 2009

O imaginário europeu a partir da controvérsia dos
"cartoons"

Respostas da mesa

Edição electrónica

URL: <http://journals.openedition.org/eces/1183>

DOI: 10.4000/eces.1183

ISSN: 1647-0737

Editora

Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra

Refêrencia eletrónica

« Respostas da mesa », *e-cadernos CES* [Online], 03 | 2009, posto online no dia 01 março 2009, consultado o 15 setembro 2020. URL : <http://journals.openedition.org/eces/1183>

RESPOSTAS DA MESA

ISABEL ALLEGRO MAGALHÃES

A tarefa de responder aos comentários e às questões partilhadas parece impossível, pois houve muitas intervenções e, dentro delas, inúmeros pontos interessantes para debatermos.

Um desses pontos deixou em aberto a noção do que implica ser europeu. Para mim, ser europeu significa antes de mais reconhecer, acolher, partilhar uma diversidade de culturas; significa pensar e viver dentro de um imenso pluralismo. (Lembro-me de, quando vivi no México nos anos 70, ver-me, pensar-me, dizer-me, pela primeira vez, “europeia” e não portuguesa. Sempre me pensara portuguesa, na Europa. Só quando saí, pude reconhecer a existência de um denominador simbólico comum à grande diversidade europeia.)

Parece-me, pois, essencial a abertura à diversidade, vendo a Europa como uma geografia imbricada onde coabitam e interagem realidades diversas, por vezes contraditórias e até antagónicas, em muitas das manifestações do pensamento e da cultura, reconhecendo que muitos dos posicionamentos antagónicos permitiram ao pensamento avançar.

É certo que a defesa da liberdade foi, como alguém aqui o fez notar, acompanhada também pela defesa da solidariedade, com bons e com maus resultados. Mas julgo ser inegável a constatação de que vingou, vinga hoje sobretudo, o relevo dado à liberdade: vemo-lo nas sociedades de consumo, no princípio hedonista que condiciona muitas das escolhas e dos estilos de vida, na vontade de uma livre expressão das pulsões que nos habitam, individual e colectivamente, nos neocolonialismos e imperialismos, no juízo impositivo que recai sobre o Outro.

Quando o Pacheco Pereira afirma o valor dos direitos humanos e da democracia como valores europeus, ou ocidentais, naturalmente eu estou de acordo: foi na Europa que ambos se formularam. Na origem, essas noções ou conceitos pertencem à Europa. Só que, sendo teoricamente por nós afirmados, na prática, se não rejeitados eles são pelo menos “adaptados” às conveniências de momento; mas quase nunca são, acho eu, repensados e traduzidos em medidas que beneficiem todos, principalmente os marginalizados ou excluídos dos direitos fundamentais.

No que diz respeito aos direitos humanos, apresenta-se em flagrante a nível internacional um caso gravíssimo, entre milhares de outros: Guantánamo. E a Europa, os governos europeus, têm mantido um silêncio cúmplice. Como pode ser possível, hoje, uma violação dos direitos humanos como a que sabemos acontecer nessa prisão? Isto está em forte contradição com os nossos princípios europeus e ocidentais. Guantánamo, como, aliás, a pobreza absoluta e tantas outras situações gravíssimas no Planeta, resiste a essa atitude que a Europa orgulhosamente assume por inteiro: a racionalização. Não são puramente e simplesmente explicáveis situações como esta e tantas outras.

Daí que não me seja possível tomar a Europa, no seu *ethos* actual, como modelar para quem quer que seja. Não somos um “exemplo” a propor e muito menos a impor a qualquer outra civilização. Também não sei se a Europa vive em autêntica democracia. Os regimes são, naturalmente, democracias parlamentares. Mas será que existe nas nossas sociedades um exercício da cidadania acessível a todos? Penso nos cidadãos europeus e também nos que chegam de fora, para trabalhar cá. Em relação a estes: como os olhamos, como respeitamos as diferenças, como lhes concedemos os seus justos “direitos humanos”, como valorizamos as suas culturas, como os “integramos” sem exigirmos que sejam “como nós”?

Sem dúvida me orgulho de ser europeia. No pluralismo das nossas culturas há um sem fim de elementos que nos tornaram mais humanos, nos elevaram a níveis de excelência. Orgulho-me em ser parte desta grande Europa em todo o seu esplendor, invenção, generosidade: na música, na literatura, na pintura, em todas as artes, na filosofia, nas ciências, no pensamento estético, político, místico, na crítica em suas múltiplas áreas. No entanto, a Europa não é apenas a das artes, do pensamento, das formulações.

Por isso simultaneamente me apercebo da dificuldade em singularizar nomes da governação política... É que a pergunta insiste: que sociedades, que humanidade, criámos, ontem e hoje? E, desdobrando-a: que reverência

manifestámos pela alteridade de nós? Em que virtudes éticas apostámos e quais estamos dispostos a viver e a suscitar – dentro de portas, na Europa, e nas relações com outros países e continentes? Para mim a singularidade, a estatura, o valor sem preço, da longa e imensa herança cultural da Europa terá de manifestar-se igualmente na qualidade de vida das sociedades, na sua substância ética, revelando – aí mesmo – a elevação humana a que soubemos, ou não, erguer-nos.

ADEL SIDARUS

O conjunto das questões foi muito amplo, e penso que cada um de nós não pode responder a tudo. Mas queria voltar a algumas questões importantes.

Na análise da situação, o problema não foi a liberdade de expressão, mas o desejo de ofender os muçulmanos. Esta liberdade tem um corolário, o da liberdade do capital. Ora, no exercício destas duas liberdades, se não houver solidariedade, e solidariedade universal, não haverá paz, não haverá concórdia. Teremos antes destruição e guerra!

Direitos humanos e a tão propalada democracia. Não concordo de maneira nenhuma que seja um exclusivo de uma tradição propriamente europeia. Tem outras formas no quadro da história dos povos e das civilizações. E que não me venham falar de herança judaico-cristã, porque a origem de ambas as religiões está no Oriente, não no Ocidente. E o que se diz do legado greco-romano também não é puramente greco-romano. Na verdade, é a herança semito-greco-romana que se pode considerar a matriz da Europa, mas simultaneamente a herança das três religiões monoteístas...

Secularismo. Também o secularismo existiu nas nossas terras. E foi precisamente esse secularismo que o neo-imperialismo ocidental combateu. Porque ele procurava precisamente sair da situação da dependência colonial e neo-colonial, procurando um rumo próprio que ligasse a modernidade à tradição identitária milenar, traçando um destino próprio e genuíno para cada país. O Ocidente egoísta preferiu apoiar ideologias reaccionárias, obscurantistas, religiosas – entre aspas –, para combater o secularismo, o socialismo, o marxismo – todos movimentos libertadores e emancipadores em relação ao Ocidente dito cristão.

Finalmente, uma nota de optimismo, um sonho secreto. O que é para mim a Europa, melhor, o que deveria ser, sendo eu ao mesmo tempo árabe e europeu, árabe e cristão? O império islâmico, no seu esplendor e na sua História antiga, foi verdadeiramente o grande intermediário entre povos e civilizações. Intermediário tanto no tempo, entre a Antiguidade e grosso modo o Renascimento e os tempos modernos, como entre todo o planeta – desde a China até o Atlântico (não se

conhecia ainda a América...). Como historiadores contemporâneos, americanos e europeus, o têm demonstrado, o Islão criou a primeira “globalização”. Ora, este ciclo passou. Olhando agora para a posição geográfica, cultural, política, económica da Europa, ela se situa no “lugar do meio”! Entre uma América egocêntrica e unilateral e um Oriente populoso e em expansão, mas tocando também com um Sul, um Sul plural, em ebulição ou na miséria.

Não caberia à Europa tentar precisamente substituir ou repetir essa gesta que foi o império islâmico antigo? Não teríamos aqui um projecto nobre e exaltante, que nos faria até sair do marasmo em que nos sentimos? Mais do que qualquer região do mundo, a Europa unida, a União Europeia, pode vir a ser, exactamente, o grande intermediário entre os vários povos do planeta, porque ela própria é plural: em termos de línguas, de tradições étnicas e culturais, de religiões, de trocas comerciais.

Mas para isso há que resolver a “questão islâmica” (lembramos que a Europa enfrentou uma “questão judaica” durante o século XIX e XX, até ao genocídio nazi...). Respeitar e integrar, antes de tudo, os quase vinte milhões de muçulmanos espalhados pelos países europeus: elementos preciosos para a abertura e o diálogo inter-religioso e inter-civilizacional. Depois, trabalhar sem complexos para a próxima integração europeia da Turquia: um colosso médio-oriental que serviria de ponte para outras nações e regiões asiáticas. E finalmente reconstruir, sobre novas bases, as relações históricas com os países árabes do Mediterrâneo, esse mar interior que pode voltar a constituir o *mare nostrum* de antanho.

MOSTAFA ZEKRI

No que diz respeito à questão do Ocidente-Oriente, este é um debate muito antigo e que já não tem grande conteúdo... Com todos os movimentos das populações e o desenvolvimento mediático, é muito difícil falar de fronteiras, sobretudo ao nível cultural. Estou a falar de uma certa identificação com grupos sociais. Porque o ser humano precisa de se identificar com alguma coisa. Há vários critérios para esta identificação e cada grupo e cada pessoa quer encontrar e ter referências. Porque uma pessoa sem referências não pode orientar-se neste mundo. E é a mesma coisa ao nível de um grupo social. Então, esta procura de identidades, identidades locais, identidades nacionais, é uma coisa que me parece normal. Mas o que provoca os conflitos é esta negligência de conhecimento mútuo e de reconhecimento. Não é anormal ter ou defender uma identidade de grupo ou da própria pessoa. O que é anormal é *evitar*, *negar* o Outro porque é diferente.

Há vários elementos que prejudicam e várias vezes bloqueiam a convivência entre os povos de um lado e de outro: a livre circulação de riquezas, a limitação da livre circulação de pessoas, a História comum, que deixou feridas de um lado e do outro, em épocas diferentes (cruzadas, colonialismo sob as suas diferentes formas, etc.), a falta de conhecimento cultural mútuo, entre outras coisas. Não acredito na teoria de *choque* de civilizações, acho que não é bem isso. É mais um *choque de incompreensão*, de um lado e do outro: há que pensar em “Si próprio como Outro” e “n’O Outro como si próprio”.

JOSÉ PACHECO PEREIRA

Há certas perguntas muito simples que nós estamos a perder no meio desta discussão. A primeira pergunta que eu coloco a mim próprio é o que é que eu desejo como sistema de valores para todos. Não é a mesma coisa do que dizer que os meus são universais. Eu não penso que haja uma universalidade natural dos valores. Penso, pelo contrário, que eu próprio, como se me colocam escolhas (eu acho que o espaço público é essencialmente feito de escolhas), eu pergunto-me a mim próprio que mundo é que eu desejo para todos. Não acho que haja maior respeito pelo Outro do que o desejo de que aquilo que eu próprio desejo seja para todos. Esta é uma atitude fundada na nossa tradição e fundada na tradição do melhor do pensamento humanista. O que é que eu desejo para todos? Desejo que as pessoas vivam em paz, desejo que as pessoas se respeitem, desejo que as pessoas sejam tolerantes, desejo que as pessoas reconheçam as diferenças, desejo que os direitos humanos sejam garantidos, desejo que os homens sejam iguais às mulheres, desejo que não haja tortura, desejo que não haja pena de morte, desejo que haja respeito por um conjunto e um sistema de valores que não é estritamente político, é também, num certo sentido, meta-político. Portanto, eu, em política, pronuncio-me a partir daqui. Não de nenhuma análise histórica, não de nenhuma análise sociológica. É o terreno da ebulição, da escolha política, ou se quisermos, da escolha no espaço público. É, em primeiro lugar, o da escolha. E, portanto, num certo sentido é ético, porque na essência da escolha está um sistema de valores éticos.

Perguntam-me: “por que é que eu me reconheço na chamada tradição ocidental?” Vamos deixar a geografia de lado. “O que é que eu reconheço na tradição ocidental?” Dizem: “Há muita violência, houve Inquisição, há muita desigualdade, há...” Com certeza. No entanto, há certas coisas que fizeram com que o mundo que eu tenho e o mundo que eu desejo que todos tenham seja melhor (a palavra maldita nesta discussão). Melhor. E o que é? Bom, eu olho para a história

da tradição judaico-cristã, se quisermos, e encontro coisas que desejo. Por exemplo, o Cristianismo é de facto, na sua origem, uma religião oriental, mas tornou-se uma religião ocidental, e se quisermos tendencialmente mundial, como todas as religiões, porque aceitou o princípio entre aquilo que é de Deus e aquilo que é de César. Aceitou perfeitamente desde o primeiro minuto? Não. Mas aceitou em primeiro lugar o direito romano, incorporou o direito romano, progressivamente foi incorporando a tradição de pensamento crítico que tinha raízes no pensamento grego, por exemplo, que nós encontramos na literatura clássica, encontramos em Ésquilo, encontramos na Odisseia de Homero, encontramos em Sócrates e Platão. Progressivamente aceitou outro sistema de valores. De facto, aceitou o princípio da sociedade burguesa assente no capital. Foram os holandeses de alguma maneira que descobriram o princípio de que era possível o auto-governo de sociedades comerciantes entre si e que um dos elementos fundamentais dessa ligação era uma maior liberdade em relação ao Estado e em relação às religiões. Foi isso que pintou o Rembrandt, foi isso que pintou o Vermeer. Foi a invenção da privacidade, a invenção da diferença entre um sistema de valores religiosos que era hierárquico e um sistema de valores civis. Portanto, é possível fazer uma história genealógica do nosso sistema de valores. A Revolução Francesa acrescentou alguns, a Revolução Americana acrescentou outros. As sociedades ocidentais e a História tumultuosa dos últimos duzentos anos, cruel em muitos casos, com a Segunda Guerra Mundial, com a Primeira Guerra Mundial, com o colonialismo, acrescentaram outros. Mas, da mesma maneira que eu prefiro um mundo com anestesia a um mundo sem anestesia, apesar de tudo há um sistema de anestesia (chamemos-lhe assim) que eu acho melhor não ter. Eu acho melhor ter a liberdade de falar do que não a ter. Eu acho melhor ter a liberdade de ofender do que não a ter, quer se queira quer não, colocado de uma maneira grosseira. Eu não quero ofender ninguém. Mas acho que, em particular, face a identidades em que o nível de ofensa é muito elevado... Porque o que está a acontecer hoje é que se está a subir o nível de ofensa mútua e, de facto, *cartoons* que não provocariam nenhuma reacção há 10 anos atrás ou 20 anos atrás, como hoje provocam. É verdade que isso se deve a outros factores: a Guerra do Iraque, o conflito internacional, mas, por exemplo, também se deve ao 11 de Setembro, que eu não vi citado até agora. Parece que não existiu, e que é anterior a todos estes eventos. Deve-se a todo um conjunto de acontecimentos que de alguma maneira tem uma história que não data apenas da Guerra do Iraque nem do conflito israelo-palestiniano. Chamo a atenção, aliás, que a própria percepção do conflito israelo-palestiniano mudou com os tempos: quem reconheceu em primeiro lugar o Estado de Israel foi a União Soviética e durante muito tempo a esquerda mundial

considerava que a existência do Estado de Israel era uma grande vantagem em relação às monarquias feudais árabes que tinham sido deixadas de herança pelos Ingleses e, já mais atrás, pela partilha do Império Otomano. Portanto, a História em si não prova nada, a Sociologia em si não prova nada, a descrição societal, identitária e cultural provam também muito pouca coisa. Se nós nos remetermos para isto: “Que valores desejo para o Outro?”, como manifestação última do respeito pelos Outros, eu então encontro um terreno onde posso discutir. Mas eu quero poder discuti-lo. Talvez este debate, e aqui eu desafio quem diga o contrário, não fosse fácil de fazer nem em Damasco, nem no Cairo, nem na maioria das capitais dos países muçulmanos. Até duvido que em Jacarta, que apesar de tudo tinha uma tradição de relativa liberdade religiosa, hoje seja possível fazer esse debate. E em Jerusalém. E alguém se insultou?

Agora, a tradição de olhar e respeitar o Outro é uma posição fundamental dos valores que eu desejo, mas não pondo em causa, e ninguém o faz, aquilo que eu considero do ponto de vista societal serem avanços significativos. Agora dizem-me: “Isto é arrogância”. Bom, se se achar que é arrogância defender os direitos das mulheres, a igualdade das mulheres, tratar as mulheres como se não fossem património dos homens – porque o problema no fundo é que as mulheres são consideradas património dos homens, ou dos pais ou dos irmãos ou dos maridos –, independentemente de eu saber que o Alcorão e a experiência do Islão trouxe melhorias significativas para a condição feminina em relação à situação prévia em muitos países... A verdade é que não podemos ser politicamente correctos para não querer que não haja legislação contra a violência familiar. Quer dizer isto que não se pode ser contraditório. As perguntas que faz o Boaventura fazem todo o sentido: defendo eu que o Pamuk possa dizer que houve um genocídio na Arménia? Sim, senhor. Defendo eu que se diga que há um genocídio em Darfur, onde não há intervenção internacional das Nações Unidas porque os países da Liga Islâmica se opõem à intervenção no Sudão, exactamente porque o conflito é entre minorias animistas ou cristãs e grupos maioritariamente muçulmanos? E, por isso, é que as Nações Unidas só vão intervir em Darfur quando houver efectivamente milhões de mortos como aconteceu no Ruanda e depois vão-se queixar porque intervêm *a posteriori*... Essa é a realidade objectiva: os países da liga islâmica nas Nações Unidas põem em causa qualquer intervenção de tipo humanitário que foi possível fazer no passado em relação a um genocídio que nós reconhecemos que está em curso no presente, em certas áreas do Sudão. É evidente que eu também quero poder ter a liberdade de dizer que há um genocídio em Darfur, como quero ter a liberdade de dizer que não houve Holocausto. Sobre essa matéria eu estou à

vontade porque há muitos anos que eu defendo que a legislação restritiva em países como a Alemanha, Áustria, França, Reino Unido, que põe em causa a possibilidade de se poder escrever o que se quiser sobre o Holocausto, é uma limitação objectiva das nossas liberdades. Não precisei que se encontrasse um equilíbrio de termos. Porque neste momento só se critica a legislação que pune quem põe em causa a existência o Holocausto para encontrarmos um equilíbrio em relação à possibilidade de se poder criticar as caricaturas de Maomé. Eu acho que deve haver liberdade de fazer as duas. Como acho, aliás, que a crítica ao discurso do ódio é também, objectivamente, uma limitação das nossas liberdades. Exactamente porque sem discurso do ódio, por exemplo, não era possível ter-se escrito muito daquilo que escreveu Soli, que era um simpatizante do nazismo, ou os textos do teatro de Alphonse Allain, que são blasfémia pura. Eu acho que nós suportamos bem estas alteridades na nossa tradição, e desejo que o mesmo tipo de alteridades se possa suportar no Cairo, em Rabat, em Argel, em Damasco, em Bagdad e em Jerusalém.

A minha visão das coisas não é impor um sistema de valores, é apenas considerar que isto é bom para todos e acho que aqui há muito mais respeito pelos outros, do que considerar que é para todos os efeitos benéfico que isso não se possa fazer lá porque é identitário. Por que é que é identitário que não haja liberdades? Por que é que é identitário que não se possa defender o ateísmo ou a blasfémia? Porque o Islão efectivamente teve até maior tolerância religiosa com as religiões *do Livro*, não todas, do que tiveram os cristãos ao mesmo tempo. Isso é verdade historicamente. Mas muito menor tolerância, ainda hoje, em relação aos ateus, por exemplo, que ainda continuam nalguns países a ser condenados à morte por defender publicamente o ateísmo. Ou muito menor tolerância em relação aos conversos e à conversão. Aceitaram as comunidades mas puseram em causa tudo aquilo que implicou o crescimento de valores que nós conhecemos como valores da laicidade. Na minha tradição humanista, já para não dizer ocidental, o que eu desejo para mim é o que eu desejo para os Outros. A minha liberdade é o que eu desejo para os Outros. E eu não vi os intelectuais moderados árabes defender em primeiro lugar, na crise das caricaturas, a liberdade de poderem ser discutidas sem *fatwas*, sem condenações à morte e sem queima de embaixadas, que é o papel essencial que é suposto os intelectuais e os moderados políticos do mundo árabe fazerem. Não, os moderados limitaram-se quando muito a dizer “Não reajam exageradamente” e a condenar as reacções violentas no mundo ocidental. Porque, efectivamente, os poucos moderados que escrevem sobre esta matéria fazem-no com risco de vida. É por isso que as comparações relativistas, do meu ponto de vista, obscurecem a questão. O Edgar Morin, do meu ponto de vista injustamente,

teve uma pena de prisão – como teve Roger Garaudy, que se converteu ao islamismo depois de ser comunista e escrever críticas ao Holocausto – teve penas de prisão em França, o que do meu ponto de vista é um completo absurdo. Porque neste momento também se fala em penalizar a crítica ao colonialismo. Por esse caminho, culpabilizamos a História, porque nós pedimos desculpa aos judeus por os ter expulso mas também nunca pedimos desculpa aos árabes por os ter expulso, ou pelo menos por os termos convertido à força. Eu sou contra a culpabilização da História. Acho que esse é o caminho mais perigoso, que aliás também é aberto por este novo mecanismo do multiculturalismo, que se abre de novo para um mecanismo de culpabilização da História. Agora, de facto não é a mesma coisa uma pena de prisão e uma condenação à morte, não é objectivamente a mesma coisa. Quer se queira quer não, de facto há degraus.

Agora eu não quero, e com isto termino, correr o risco de escrever um texto sobre Maomé ou um texto sobre o Islão, que eu considerava pacífico, como provavelmente os caricaturistas dinamarqueses consideravam pacífico, vamos dizer. “Queriam ofender o Islão”, pronto, admito. Se é assim, a maioria das caricaturas não teve esse papel a não ser na repercussão politizada das caricaturas que foi feita no mundo árabe. Porque é evidente que não se fazem manifestações em Damasco sem o governo de Damasco permitir, não se queimam embaixadas em Damasco sem o governo de Damasco permitir. Damasco é uma ditadura. A Síria é uma ditadura. Numa ditadura não se fazem estas coisas sem a permissão do Estado, e obviamente que isso foi utilizado politicamente. Não me venham dizer agora que, no equilíbrio do que aconteceu, se compare meia dúzia de intelectuais ocidentais que disseram que é importante haver liberdade de expressão absoluta, uns excessivamente outros não, com as violências que provocaram vários mortos no mundo árabe e que foram consentidas na maioria dos casos por Estados que não são propriamente exemplos de democracias. Por isso, este colóquio é importante e é fundamental que se continue a discutir estas questões.

BOAVENTURA DE SOUSA SANTOS

O caminho que eu proponho é um caminho muito mais difícil e mais humilde, talvez, na maneira de propor as coisas e que resulta do seguinte: eu não penso que seja hoje possível (é possível, mas não é a forma que eu gosto) poder pensar o mundo senão nos seguintes termos: eu tenho que pensar o mundo como se eu não tivesse o poder para destruir um país para lhe impor a democracia. Eu tenho que pensar como se eu não tivesse o poder para violar massivamente os direitos humanos em nome dos direitos humanos e que ninguém me pudesse criticar pela minha

hipocrisia. Eu tenho que pensar de maneira a que eu ache que a modernidade ocidental, o que quer que ela seja, impõe-se respeitando os valores que proclama e não *violando* os valores que proclama. Eu penso que neste momento os direitos humanos estão a ficar estranhos à própria modernidade ocidental. Não é estranho aos outros, é estranho aqui dentro, dada a hipocrisia que grassa. O facto de os direitos humanos terem origem ocidental não é problema nenhum, porque a condição da origem não determina o sinal de universalidade. O problema é saber duas coisas. Primeiro, é obviamente falso que não haja outras tradições de dignidade humana em todas as culturas, todas as têm. Exactamente, hoje o grande debate nos direitos humanos é sobre o multiculturalismo, a interculturalidade através de concepções alternativas da dignidade humana, que todos têm: uns chamam-lhe direitos humanos, outros chamam-lhe *Umma*, outros chamam-lhe *Dharma*, outros chamam-lhe outras coisas. Mas são condições e critérios de dignidade. E portanto, o que é preciso é começar, como dizia John Dewey, uma conversa da humanidade entre estas diferentes tradições. O que eu critico fundamentalmente é essa grande hipocrisia de violar sistematicamente os direitos humanos em nome da sua defesa. Eu sendo branco (sou branco em Portugal, porque nos Estados Unidos sou hispânico), admito perfeitamente ser a favor da proibição da fala do ódio. Mas se eu sou negro ou afro-descendente, e se me podem insultar na comunicação social, então aí o caso muda de figura. Eu tenho que me pôr no lugar do grupo mais vulnerável, do grupo que é objecto de discriminação e pensar que *há* limites. Eu não posso ofender uma pessoa, afirmar que é inferior, só por ser negro, ou negra.

É aqui que está o limite, é a capacidade que nós temos de nos pormos do lado do Outro. O discurso do Pacheco Pereira esconde uma realidade crucial: cheio de boas intenções está o inferno cheio. Porque foi para salvar a humanidade que se deu o genocídio dos índios na América Latina, em nome do fundamentalismo cristão católico. Foi em nome da salvação que se destruíram os povos índios na América do Norte sob o fundamentalismo puritano. Há, de facto, muitos ocidentes e eu reclamo-me de uma tradição do Ocidente que é realmente ampla. Nos termos dela não temos nenhum direito a invectivar os outros de fundamentalismo no momento em que temos uma história atrás de nós (pode não provar nada, mas explica tudo), em que nós usamos o nosso universalismo supostamente como uma forma de fundamentalismo. Isso é que é da nossa parte impossível, e espanta-me que alguém possa vir dizer, sobretudo uma jovem, que é injusto falarmos de colonialismo, quando nem sequer começámos a fazer as contas às atrocidades do colonialismo em Portugal. Nem sequer começámos a discutir isso e já se diz que é injusto. É

exactamente esta boa consciência da modernidade a esquecer o seu passado em nome de grandes ideias.

Pois claro, entre nós é fácil pormo-nos de acordo; o problema é quando interagimos com as vítimas dos nossos discursos no concreto. E aqui se nota uma coisa: se eu realmente conseguir pensar que o mundo não permite que me considere numa posição de força fundamental, eu começo a ver outras coisas. Começo a ver, por exemplo, em primeiro lugar, que há muitas tradições europeias e ocidentais. Segundo, há muitas tradições islâmicas. Há muitos movimentos feministas islâmicos. Realmente, hoje o movimento feminista internacional está muito dividido. Está dividido em geral e está dividido dentro do mundo islâmico. Há as mulheres secularistas que entendem que há realmente uma contradição essencial entre a mensagem islâmica e a posição das mulheres, e há as mulheres islâmicas do movimento islâmico que são religiosas e que dizem que o Corão tem várias interpretações, e uma delas é realmente a do período de Meca, antes do período de Medina, onde a igualdade de todos está perfeitamente garantida. E essas mulheres são islâmicas, são contra a excisão do clítoris – que não é uma prática islâmica aliás, é uma prática que tem muitas outras origens em muitas outras partes do mundo. A nossa ignorância tem dissimulado o outro lado da nossa arrogância. Nós somos arrogantes porque conhecemos mal os Outros. Porque se os conhecêssemos um pouquinho melhor tínhamos que ser um pouco mais humildes.

E a razão porque se discute todos estes temas na Europa é porque realmente há uma crise profunda nas crenças, nessas tais crenças que nós gostaríamos de ter para os outros, porque custou muita morte e agora está a entrar em casa. Realmente o 11 de Setembro é isso, Pacheco Pereira, deve ser mencionado, porque é a primeira vez que a vítima ataca no coração do agressor. Nunca os colonizados puderam fazer atentados em Londres ou em Lisboa, mas agora isto foi possível. Isto é gravíssimo que tenha sido conseguido. Agora eu não posso deixar de o pôr num contexto histórico. Compreender não é perdoar, de maneira nenhuma. O que eu não posso dizer é o seguinte: é que os excessos são sempre do lado dos outros. Porque esta é exactamente a nossa maneira de pensar: os excessos são eles que os cometem. Não é assim. Nós temos cometido historicamente muitos excessos, que, exactamente, como foi dito há pouco pela nossa psiquiatra aqui presente (certamente há outras mas foi a que falou), é uma questão de poder, e quem tem mais poder tem a possibilidade de converter as suas crenças em crenças universais, ou de alguma maneira pensar que elas são as melhores de todas. Ora, eu concordo com isto. Por que é que lutamos no Fórum Social Mundial por um mundo melhor? Exactamente, queremos um mundo melhor, queremos um mundo que em grande

medida possa de alguma maneira juntar a esta tradição e ao bom que ela tem, acreditando que há muito de bom na tradição islâmica, há muito de bom na tradição hindu, há muito de bom nas tradições africanas, e o que é preciso é fazer um jogo de soma positiva e não de soma zero como foi até agora. “Para impor a modernidade temos que destruir os outros”: não pode ser assim! Invadimos o Iraque e agora vai o Irão a seguir, não tarda muito. Sempre em nome da democracia e dos direitos humanos. Sempre em nome da *paz*. Sempre em nome do direito internacional... E é esta violência sacrificial que eu penso que, realmente, nós temos obrigação de denunciar.

Eu penso que realmente o colóquio foi muito bom. Pela minha parte, como diz o Pacheco Pereira, acho que é fundamental que façamos este debate para podermos começar a confrontar as nossas ideias. E não é para que necessariamente tenhamos que mudar as nossas opiniões. Mas vamos esclarecendo, exactamente, os fundamentos, porque eles são complicados. Em conclusão, dentro de uma cultura há um jogo; quando se entra em jogo com várias culturas, o jogo tem que ser diferente. E quem não vê, não sabe jogar futebol: é como se eu impusesse as regras e os outros tivessem que as obedecer. Ou as regras são para todos ou, então, efectivamente o jogo está viciado.

MARIA IRENE RAMALHO

Chegámos ao fim deste colóquio, e dele me fica uma ideia muito forte, que aliás Mostafa Zekri sublinhou bem na sua intervenção. Somos todos muito ignorantes, sabemos muito pouco uns dos outros. Precisamos, pois, de aprender muito mais. Para termos mais conversas difíceis, precisávamos de saber muito mais. Podíamos, por exemplo, escolher aprender árabe. Talvez tal se não possa exigir de muitos de nós, já mais velhos e de hábitos porventura anquilosados, mas aqui fica o apelo aos mais jovens: que o árabe entre nas vossas opções linguísticas. Poderíeis assim ler a poesia de Mahmoud Darwish no original e no seu contexto sociocultural, e perceber melhor a beleza dolorosa das metáforas da árvore para o coração do poeta e da cabeça do poeta para casa da cotovia e do seu canto. Há alguns anos, Darwish visitou finalmente o local de onde a sua família foi expulsa aquando da *Nakba*, em 1948. Nenhuma das casas ancestrais estava de pé.

Resta-me agradecer aos organizadores deste colóquio por esta iniciativa e a todos aqui presentes. Muito obrigada!

Anexo

Vários manuscritos de autores muçulmanos contêm miniaturas representando acontecimentos e/ou figuras importantes no Islão e nos outros monoteísmos (Judaísmo e Cristianismo). A imagem de Maomé, “imaginada” através das descrições dadas pelos seus contemporâneos e transmitida posteriormente às gerações através dos textos, ocupa um lugar privilegiado nestes manuscritos, particularmente de autores ou de copistas persas e turcos. Através dos *links* abaixo indicados, podem consultar-se algumas miniaturas retiradas de manuscritos islâmicos conservados no Departamento de Manuscritos Orientais da Biblioteca Nacional de França (BNF) e digitalizadas pelo Departamento de Reprodução de Imagens da BNF, que detém todos os direitos de reprodução.

1 - Nizami, Llyas Ibn Yûsuf (1140?-1209?). *Mi`râj* do profeta Muhammad, manuscrito persa.

<http://visualiseur.bnf.fr/ConsulterElementNum?O=8003584&E=JPEG&Deb=1&Fin=1&Param=B>

2 - Hilâlî (14-1530?). *Mi`râj* do profeta Muhammad, manuscrito persa

<http://visualiseur.bnf.fr/ConsulterElementNum?O=7860799&E=JPEG&Deb=1&Fin=1&Param=B>

3 - Bîrûnî, Muhammad Ibn Ahmad Abû al-Rayhân al- (0973-1048). O profeta Muhammad proibindo a intercalação.

<http://visualiseur.bnf.fr/ConsulterElementNum?O=7812795&E=JPEG&Deb=1&Fin=1&Param=B>

4 - Ishâq al-Nishâpûrî. Chegada do profeta Muhammad a Meca, Séc. XVI

<http://visualiseur.bnf.fr/ConsulterElementNum?O=7900650&E=JPEG&Deb=1&Fin=1&Param=B>

5 - O profeta Muhammad no caminho para Medina, manuscrito persa XIX

<http://visualiseur.bnf.fr/ConsulterElementNum?O=7901774&E=JPEG&Deb=1&Fin=1&Param=B>

6 - Mîr Haydar. Os profetas Muhammad e Moisés, manuscrito turco, séc. XV

<http://visualiseur.bnf.fr/ConsulterElementNum?O=7894828&E=JPEG&Deb=1&Fin=1&Param=B>

7 - Harou Malek Bakhchi. O profeta Muhammad numa posição de oração, manuscrito turco, séc. XV

<http://visualiseur.bnf.fr/ConsulterElementNum?O=7885074&E=JPEG&Deb=1&Fin=1&Param=B>

8 - Harou Malek Bakhchi. Ascensão do profeta Muhammad, manuscrito turco, séc. XV

<http://visualiseur.bnf.fr/ConsulterElementNum?O=7894391&E=JPEG&Deb=1&Fin=1&Param=B>

9 - Mîr Haydar. Os profetas Muhammad e Adão, manuscrito turco, séc. XV